PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC/SP

Juliana Cristina Alves de Andrade

A aquisição da escrita para uma fonoaudiologia tocada pela psicanálise

MESTRADO EM FONOAUDIOLOGIA

SÃO PAULO

2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC/SP

Juliana Cristina Alves de Andrade

A aquisição da escrita para uma fonoaudiologia tocada pela psicanálise

MESTRADO EM FONOAUDIOLOGIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Fonoaudiologia, área de concentração Clínica Fonoaudiológica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Profª. Drª. Regina Maria Ayres de Camargo Freire.

SÃO PAULO

2012

Ficha catalográfica

Andrade, Juliana Cristina Alves de

A aquisição da escrita para uma fonoaudiologia tocada pela psicanálise. Juliana Cristina Alves de Andrade; orientadora: Regina Maria Ayres de Camargo Freire. São Paulo. PUC-SP. PEPG em Fonoaudiologia. 2012.

Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Departamento de Fonoaudiologia.

1.Escrita manual. 2. Estudos da linguagem. 3. Fonoaudiologia. 4. Psicanálise.

Banca Examinadora

_____

_____

_____

Data: ___/___/___

AUTORIZAÇÃO

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e o ano da dissertação.

Juliana Cristina Alves de Andrade _____.

São Paulo, ___ de _____ de 2012.

DEDICATÓRIA

À minha família, em especial aos meus avós, que sempre se orgulharam dos meus estudos e acreditaram em minha capacidade.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora prof[a] Dra. Regina Maria Freire pelas contribuições, paciência e por me mostrar a possibilidade do diálogo com a psicanálise.

Às prof[as] Dra. Ana Paula Berberian Vieira da Silva e Dra. Maria Lucia Hage Masini pelo carinho de terem aceitado a participação nas bancas de qualificação e defesa.

Aos professores do PEPG em Fonoaudiologia da PUC-SP por todas as discussões acadêmicas, ensinamentos e palavras de incentivo.

À prof[a] Ms. Cristiane Cagnoto Mori-de Angelis pelo carinho ao me receber em suas aulas para o estágio docente.

Ao prof[o] Dr. Christian Ingo Lenz Dunker pelas valiosas contribuições acadêmicas.

Aos meus queridos pais que com tanto amor me deram uma educação exemplar que levarei por todos os dias da minha vida e que, dentro de tantas palavras de incentivo, souberam me ouvir em todos os momentos em que precisei.

Ao meu amado esposo, companheiro e cúmplice de todos os estudos e momentos em que precisei renunciar algo para me dedicar a esse trabalho.

À minha bebê, que ainda está dentro de mim, mas que compartilhou da finalização deste e me trouxe a calma que eu precisava.

Aos meus amigos do Colégio Albert Sabin, principalmente às prof[as] Giselle Magnossão, Dioneia Menin e Teresa D'Angelo que tanto me ajudaram com a permissão de minhas saídas em horários de trabalho, na organização de minhas aulas e com as palavras de conforto quando alguma lágrima caía.

Aos meus alunos de 2010 e de 2011 que dividiram "sua prô" com os compromissos acadêmicos.

Aos meus colegas de curso com quem dividi e descobri saberes.

À Virgínia, secretaria do PEPG em Fonoaudiologia da PUC-SP, pelo carinho, atenção e por ser sempre prestativa.

À Deus, por todas as oportunidades que me oferece a cada dia das quais procuro abraçar com amor e dedicação.

À CAPES pela ajuda financeira que possibilitou a realização dessa pesquisa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA..... 01

Capítulo 1 – Delineando uma questão: oralidade x escrita..... 05

1.1. Um olhar para esta questão..... 05

1.2. Um outro olhar para a mesma questão..... 09

Capítulo 2 – Aquisição de linguagem como mudanças de posição..... 14

2.1. Considerando a linguagem oral..... 16

2.2. Considerando a linguagem escrita..... 21

Capítulo 3 - Traço, letra e escrita..... 30

Capítulo 4 - Método..... 40

4.1. Sobre o modelo de análise dos dados..... 41

4.2. Sujeitos da pesquisa e coleta de dados..... 43

4.3. Releitura dos dados..... 43

4.4. Discussão..... .47

CONCLUSÃO..... 50

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 52

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1..... pág. 22

Figura 2..... pág. 23

Figura 3..... pág. 23

Figura 4..... pág. 24

Figura 5..... pág. 25

Figura 6..... pág. 25

Figura 7..... pág. 28

Figura 8..... pág. 28

RESUMO

Andrade, Juliana Cristina Alves de. A aquisição da escrita para uma fonoaudiologia tocada pela psicanálise. Dissertação [mestrado em Fonoaudiologia] - Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia - PUC-SP. São Paulo. 2012.

Introdução: as letras estão presentes no universo do sujeito mesmo antes do seu nascimento. Ao ser desejado, o bebê é anteriormente falado por uma fala/escrita, de forma que sua presença simbólica precede sua presença física no mundo. Pode-se dizer que a criança tanto é falada como escrita pelo “Outro”, “Outro” que em Lacan refere-se ao tesouro dos significantes em que o sujeito falante está imerso. **Objetivo:** apresentar uma proposta de modelo de aquisição da escrita antes de sua formalização pela criança, sob uma outra ótica: a de que a escrita emerge antes do encontro formal entre a criança e as letras. **Método:** pesquisa qualitativa que está sustentada, de um lado, por estudos do campo da aquisição de linguagem representados principalmente por Cláudia De Lemos e, de outro, pelas noções de traço, letra e escrita tal como entendidas pela Psicanálise de estudos de Freud, Lacan e Allouch. Alguns dos dados retirados dessa literatura foram relidos a fim de rastrear a entrada da criança no discurso alfabético. **Resultados:** o material analisado apontou para a presença de traços anteriores à alfabetização, ou melhor, de um sistema de escrita que indica o assujeitamento da criança ao Outro, à sua captura pela linguagem, tanto na modalidade oral como escrita. **Conclusão:** a escrita ocupa lugar privilegiado no funcionamento da língua e o contato com discursos orais e escritos abre a entrada da criança para as “letras”. O fonoaudiólogo deve interpretar as marcas deixadas pela criança, para além de rabiscos, como marcas indicativas de um processo singular de aquisição da modalidade escrita da linguagem. Assim, afasta-se a negação de um saber e restitui-se à criança sua posição sujeito-escriba que separa-se da alienação ao traço do outro, para tomar a posição de leitor/escritor.

Palavras-chave: Escrita manual; Estudos da linguagem; Fonoaudiologia; Psicanálise.

ABSTRACT

Andrade, Juliana Cristina Alves de. The acquisition of writing for a Speech Therapy affected by Psychoanalysis. Dissertation [masters in Speech-Language Pathology] - Graduate Speech-Language Pathology Studies Program of the Catholic University of São Paulo - 2012.

Introduction: letters are present in the universe of the subject even before his birth. When desired, the baby is previously spoken by a speech / writing, so that his symbolic presence precedes his physical presence in the world. It's possible to say that the child is both spoken and written by the "Other", "Other" which Lacan refers to as the treasury of signifiers in which the speaking subject is immersed. **Objective:** To propose a model of acquisition of writing before its formalization by the child, it another view: that writing emerges before the formal encounter between the child and the letters. **Method:** qualitative research that is supported on one side, by studies in the field of language acquisition represented mainly by Claudia De Lemos and on the other, by notions of trace, letter and writing as understood by psychoanalysis studies of Freud, Lacan and Allouch. Some of the data from this literature were reread in order to trace the entry of the child in the alphabetic speech. **Results:** the analyzed material indicated the presence of pre-literate traces, or rather a writing system that indicates the child's subjection to the Other, to their capture by language in both oral and written form. **Conclusion:** writing takes a special place in the functioning of language, and the contact with oral and writing speeches opens the entry of the child to "letters". The speech therapist must interpret the marks left by the child, not only as scribbles, but as indicative marks of a singular process of acquisition of the written form of language. Thus, withdraws the denial of knowledge and returns the writing-subject position to the child, that separates from the alienation to the trace of the other, to take the position of reader / writer.

Keywords: Handwriting; Studies of Language, Speech Therapy, Psychoanalysis.

“Depois de escrever, leio...
Porque escrevi isto? Onde fui buscar isto?
de onde veio isto? Isto é melhor que eu...
Seremos nós, neste mundo, apenas canetas
com que alguém escreve a valer o que nós
aqui traçamos?”

(Fernando Pessoa, 1995)

Introdução e Justificativa

Minha prática fonoaudiológica e meu interesse pela linguagem oral e escrita, sempre me instigaram com questões cujas respostas me deixavam insatisfeita.

Principalmente, quando me deparava com crianças que, ao iniciarem a escolaridade, eram identificadas, por pais e professores, como tendo algum tipo de dificuldade com a leitura e a escrita, as questões retornavam com maior insistência. A suposição de que a escrita inicial percorre um caminho homogêneo, confunde pais e educadores que acabam por rotular essas crianças, precipitadamente e de forma inapropriada, como potenciais portadores de "déficits de aprendizagem" e por encaminhá-las para atendimentos paralelos ou para reforço escolar, levando-as a se suporem incapazes de ler, escrever e aprender.

Muitas vezes me surpreendi perguntando: "Quando a escrita entra na vida da criança?", "Como seria o percurso do 'não saber ao saber a escrita'?", "O termo *aquisição* seria o mais indicado para explicar a entrada da criança na escrita?", "O que precederia a 'entrada da criança' na escrita das letras?", "A escrita enquanto modalidade simbólica não estaria na criança antes mesmo de sua alfabetização ou do chamado letramento?", "Se sim, como isto se manifestaria em suas escritas futuras?".

Nos estudos em que a Fonoaudiologia tem se ancorado, a aquisição de linguagem é tomada a partir do momento em que a criança começa a falar, resultando em um silenciamento sobre o período anterior, ou seja, desde o

nascimento, ou até mesmo antes dele, até o início da fala da criança.

Ao iniciar meu percurso acadêmico, entrei em contato com trabalhos e pesquisadores do Programa de Estudos Pós Graduados em Fonoaudiologia da linha “Linguagem e Subjetividade” da PUC-SP, influenciada pela psicanálise lacaniana, que se propõem a responder questões que se aproximam muito das que eu me colocava. Estudos comprometidos com a constituição de um fazer clínico que sejam próprios ao campo fonoaudiológico. Segundo Freire (2002), esse caminho inspirado pela Psicanálise permitiu à Fonoaudiologia um grande avanço no conhecimento de seu objeto, “a linguagem em sua dimensão sintomática”.

Com o distanciamento da fonoaudiologia em relação à clínica médica e sua aproximação à clínica psicanalítica, foi possível analisar o seu objeto de estudo sob um outro ângulo. Segundo Freire (2002), “os estudos em aquisição de linguagem levaram a fonoaudiologia à conclusão de que linguagem não se aprende, não se adquire e muito menos se desenvolve”. O “olhar clínico” sai de cena para dar espaço à “escuta” do falante em sua subjetividade, justificando assim a aproximação ao campo da Psicanálise.

Pela ausência de uma estrutura clínica própria articulada à natureza dos sintomas de linguagem, o fonoaudiólogo construiu sua prática baseada em diferentes referenciais teóricos, ou seja, diferentes interpretações dos sintomas de linguagem, pois um mesmo signo clínico remete a diferentes argumentos e funções (Gouvêa, Freire e Dunker, 2011).

Desta forma, estruturar o fazer clínico fonoaudiológico, nos parece fundamental para entender o que falha na constituição do sujeito da escrita.

Por isso, esta pesquisa trata-se de um estudo qualitativo que se propõe a apresentar uma proposta de modelo de aquisição da escrita que ocorre antes de sua formalização pela criança, trazendo à tona a aquisição de leitura e escrita sob uma outra ótica: a de que a escrita emerge antes do encontro formal entre a criança e as letras.

O percurso escolhido para a apresentação das questões propostas na presente dissertação parte das contribuições da Linguística, em particular dos estudos sobre aquisição de linguagem de De Lemos bem como de suas reflexões sobre um sujeito constituído na e pela linguagem. Serão contemplados também estudos sobre traço, letra e escrita em uma vertente psicanalítica, propostos por Freud, Lacan e Allouch.

Cabe esclarecer que a eleição da aquisição de linguagem e da Psicanálise como âncoras deste trabalho ocorre por serem campos que se propuseram a estudar a noção de significante, eleito também pela Fonoaudiologia aqui presente, como eixo central. Para ambas, a constituição do humano enquanto sujeito e falante, passa pelo outro/Outro[1] e também pela fala deste outro/Outro que interpreta a criança remetendo-a a uma cadeia significante.

Frente a isso, esta dissertação apresenta, no primeiro capítulo, uma discussão apresentada por diversos autores sobre a suposta relação - de anterioridade/posterioridade - entre oralidade e escrita que se mostra frequente nos estudos da linguagem.

No segundo capítulo, faz-se necessário trazer as contribuições dos estudos

[1] “Outro” aqui entendido por Lacan (1998[1964]) como o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem de aparecer.

de aquisição de linguagem propostos por Cláudia De Lemos para estabelecer um diálogo entre as modalidades oral e escrita da linguagem.

No terceiro capítulo, pretende-se apresentar à fonoaudiologia as perspectivas do traço, da letra e do significante propostos pela Psicanálise, principalmente nos estudos de Freud, Lacan e Allouch, e assim sustentar a organização de um sistema de escrita anterior ao de significantes.

No quarto capítulo serão apresentados os métodos utilizados na fundamentação deste estudo com a apresentação do modelo de análise de dados, a releitura desses dados e discussão para, na sequência, ser apresentada sua conclusão.

1. Delineando uma questão: oralidade X escrita

> *"... a tarefa que aguarda o aprendiz de escrita é bem mais complexa do que escrever a fala e o que é importante registrar é que ele demonstra perceber logo de início tal complexidade..." Abaurre (1987)*

Para iniciar uma discussão sobre a aquisição da escrita a qual a fonoaudiologia tem se ancorado para o seu fazer clínico, faz-se necessário discorrer sobre a suposta relação entre oralidade e escrita.

Esta relação é tema de pesquisas em diversas áreas de estudo e por isso, nesta dissertação serão trazidos alguns trabalhos para ilustrar esse percurso.

Num primeiro cenário, os estudos de aquisição da linguagem escrita se mostravam relacionados aos estudos da linguagem oral, evidenciando uma suposta dependência entre essas duas modalidades da linguagem.

1.1. Um olhar para esta questão

Para a filosofia clássica, que segundo Derrida (1973) compreende o período de Platão a Hegel, a relação entre oralidade e escrita era um pensamento que prevalecia em todo o ocidente.

> *"Os sons emitidos pela voz são símbolos dos estados de espírito, e, as palavras escritas, os símbolos das palavras emitidas pela voz. E assim, todos os homens escrevem de maneira diferente, também as palavras pronunciadas não são as mesmas, embora os estados de espírito, de cujas expressões são os signos imediatos, sejam idênticos em todos os homens, como também são idênticas as coisas de que esses estados são imagem".*

Mota (1997) salienta que nesse período citado por Derrida, "a linguagem escrita era concebida como representação da fala. Isto significa que à escrita era

atribuído um caráter meramente técnico e funcional".

Referindo-se ao mesmo período histórico, Navas e Santos (2002) relatam que "a criação da escrita inicialmente pode ser vista como o marco mais significativo da transição do homem entre a barbárie e o estado civilizado. Foi criada em resposta ao anseio de registrar a fala...". Era entendida, por sua vez, como uma forma de "mediação linguística", criada de acordo com as necessidades de uma sociedade com demandas culturais determinadas.

Bueno (2003) coloca que, desde o século XIX, é possível encontrar registros de educadores que se preocuparam com os problemas de fala apresentados por crianças e procuraram contribuir com orientações aos professores responsáveis em "ensinar as primeiras letras" aos jovens alunos.

De acordo com tais registros, esses professores deveriam se preocupar com a fala correta para que o aprendizado da escrita se desse de maneira adequada.

Nessa abordagem, a linguagem oral e a escrita são consideradas como sistemas estáveis, fixos e prontos que acabam sendo avaliados com testes que privilegiam uma única instância de análise que é essencialmente descritiva.

Para Skinner (1957) "a linguagem era vista como fruto do ensinamento mediante condicionamento operante, com estratégias de imitação, prática e reforço... O adulto era quem deveria fazer o depósito do saber na criança, sendo ela uma tábula rasa no início da aquisição".

A relação entre oralidade e a escrita e o chamado "processo de aprendizagem" nessa abordagem, se mostram como fundamentais na "aquisição de linguagem", pois o oral é um apoio para a escrita que será "adquirida".

Segundo Bueno (2003) “por esta visão, ainda aceita por vários autores, a oralidade é aspecto primordial para que a criança seja alfabetizada”. A oralidade então acompanharia e seria determinante para o sucesso do aprendizado da leitura e da escrita.

Por outro lado, Ferreiro e Teberosky (1979/1999) propuseram um estudo alicerçado na teoria de desenvolvimento cognitivo de Piaget, para explicar como funcionavam os processos de aprendizagem da leitura e da escrita.

Por meio de um estudo transversal, as autoras analisaram ao longo de dois anos letivos, a leitura e a escrita de um grupo de crianças entre 4 e 6 anos de idade. Elas utilizaram diversas estratégias para esta investigação e chegaram à conclusão de que “muito antes de saber ler ou escrever um texto, as crianças já possuem maneiras próprias para fazê-lo e compreendê-lo”.

Ferreiro e Teberosky (1979/1999) constataram a presença de dois tipos principais de “tentativa de escrita” em crianças habituadas a usar lápis em atividades diárias: traços ondulatórios contínuos, que representam a escrita cursiva do adulto, ou uma série de pequenos círculos ou de linhas verticais, que representam a escrita de imprensa.

Já para Vigotsky (1978) “adquirir a língua escrita faz parte do processo de desenvolvimento infantil e acontece associado aos outros processos que a criança vivencia”. Dessa forma, é importante resgatar desde as primeiras tentativas de escrita da criança para entender como se dá esse “desenvolvimento”. A isso Vygotsky (1978) deu o nome de a “pré-história da linguagem escrita”, ou “a linguagem pré-escrita”, pois muito antes do aparecimento da escrita propriamente dita e aceita socialmente, a criança realiza

uma escrita inicial, que foi chamada por ele de “escrita primitiva”. Nesta encontra-se uma combinatória de gestos, desenhos e letras, que para a criança é sua maneira de representar a escrita como a convencionalmente usada pelos adultos.

Segundo Zorzi (2003) “a aprendizagem da língua escrita não é uma herança biológica, mas sim cultural. Existem sociedades que escrevem, e outras que não escrevem, embora todas tenham língua oral. Isto quer dizer que a língua escrita é uma criação social”. É possível observar que, para este autor, a linguagem escrita existe independentemente da linguagem oral, é produto da cultura e é transmitida pelo ensino.

Smolka (1993) considera a “interação” e a “interdiscursividade” aspectos fundamentais ao se pensar em aquisição de escrita. Para a autora “a alfabetização é um processo discursivo: a criança aprende a ouvir, a entender o outro pela leitura; aprende a falar, a dizer o que quer pela escrita”.

Entretanto, segundo Moreira (2003, 2007) existe uma relação entre oralidade e escrita que evolui em três fases: na primeira, linguagem oral e escrita caminham lado a lado, por isso, a criança não percebe que é capaz de representar eventos falados por meio de letras e, portanto, não utiliza da fala para decifrar algo escrito; na segunda fase, ocorre uma relação mais visível entre oral e escrito, a criança tanto utiliza da fala para decifrar e compreender a escrita, como modifica a sua fala devido aos reflexos da escrita da qual está se apropriando; e por fim, na terceira fase, fala e escrita tornam-se modalidades diferentes, entretanto, interdependentes.

1.2. Um outro olhar para a mesma questão

Mayrink-Sabinson (1997), definiu a escrita em um de seus estudos, como “um evento singular visto como parte de um processo geral de constituição da relação sujeito/linguagem”. Este relação, segundo a autora, é sempre “mediada” pelo outro que ocupa “papel de interlocutor fisicamente presente ou representado e necessário ponto de referência para esse sujeito em constituição”.

As produções escritas apresentadas em um dos estudos desta autora foram de uma criança de pouco mais de 3 anos e caracterizaram-se por “desenhos de letras”, dispostas em uma sequência, as quais o adulto letrado, neste caso a mãe da criança, no papel de leitor e intérprete, atribui sentido.

Segundo Mayrink-Sabinson (1997), “a criança aparentemente já possui a ideia de que se usam letras para escrever, letras variadas e colocadas numa ordenação horizontal” e que quando um adulto escreve algo, isto é passível de leitura, por isso atribui ao outro o papel de leitor de sua produção. Para esta autora, “o adulto letrado, constitui-se num “outro” para o “sujeito/criança”, confrontando-a com a ideia de que escrita veicula sentido e não é uma simples sequência de letras desenhadas ao acaso”. Ela diz também que a criança começa a escrever muito antes de entender o princípio alfabético da escrita. Isso é justificado pelas escritas feitas por crianças pequenas antes mesmo de frequentarem uma instituição escolar.

Para Rojo (2010), a linguagem escrita é uma “projeção do inconsciente” que atende a uma “demanda do desejo” e é construída em jogos de papéis que a criança simboliza, desde cedo. Para ela “o jogo é a forma como, exercitando papéis interacionais e ficcionais, a criança autonomiza a possibilidade de narrar

(oralmente ou por escrito) em seu papel de autor, responsável, entre outros aspectos, pela coerência textual escrita".

Essa autora aponta para a importância dos "jogos de papéis" para a construção do discurso narrativo, sejam eles nas modalidades oral ou escrita. Esses "jogos" mostram-se como lugares privilegiados para a constituição da linguagem do sujeito e suas posições de falante/escritor no processo de letramento[2].

Entretanto segundo Pommier (1993), "os primeiros desenhos de uma criança apresentam fantasmas que serão recalcados e depois, retornarão como letra. Entre o desenho e a letra, localiza-se o evento diacrônico do recalque".

Para completar a afirmação feita por Pommier (1993), Rego (2005) defendeu a hipótese de uma invenção da escrita comum à humanidade e a cada sujeito em particular, onde para isso seria necessário teorizar uma origem da letra comum a todas as situações onde uma mensagem é transmitida: sonho, desenho, pictograma ou escrita alfabética. A instância da letra no inconsciente - formalização primeira de escrita - permitiu a Pommier (1993) demonstrar que "o grafismo do homem descende do sonho".

Pommier (2008) acrescenta ainda que "a escrita não é um processo de aprendizagem, pois há um 'desejo de escrever', por parte do sujeito, que representa a escrita do inconsciente.

Kupfer (2002) relata que é possível pensar a escrita do inconsciente como "a matéria prima, o fio que tece o inconsciente, e feita do conjunto de inscrições que se transformarão depois em significantes pelo efeito da operação

[2] Segundo Garton e Pratt (1989) letramento pode ser entendido como "o domínio da linguagem falada, da leitura e da escrita".

significante.” Nessa afirmação a autora aponta para a relação entre escrita do inconsciente e escrita ortográfica e relata que, diferentemente da forma como é pensada por alguns estudiosos, a escrita ortográfica não é representação da fala, e sim a “fonetização” de algo já escrito como escrita do inconsciente.

Para Carvalho (2005), “onde há linguagem é possível uma escrita. Nesse sentido, o escriba do inconsciente é o Outro, tal como Lacan ensina a compreender o lugar da linguagem”. A escrita segundo esta autora é a escrita grafada pelo inconsciente que não se lê, mas que tem efeito na linguagem.

Para Freud (1974), “o psíquico coincide com a linguagem”. Com isso é possível dizer que existe uma linguagem no inconsciente e que se manifesta em variados eventos, sejam eles motores (escrita e fala), visuais (leituras) ou táteis. Segundo esse autor, o inconsciente escreve antes mesmo que o sujeito demonstre seu alcance pela escrita convencional e essa escrita do inconsciente já se remete a uma comunicação.

Essa questão também estudada por Lacan (1978) foi chamada de *“instância da letra no inconsciente” e* diz respeito a “estrutura de linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente, alertando desde o início o espírito prevenido, quanto ao fato de que pode ter de reconsiderar a ideia de que o inconsciente não passa da sede de instintos.”

Rego (2005) afirma que para Freud (1977), em seu texto sobre as afasias, “o aparelho de linguagem apresentado liga as representações-palavra às associações de objeto, produzindo assim a significação, através da imagem acústica da representação-palavra e pela imagem visual da associação de objeto”. Isso mostra que a representação-palavra relaciona-se à representação-objeto através da imagem acústica.

Borges (2006), parte do pressuposto que “a aquisição de linguagem escrita procura reconhecer a natureza linguística do processo de aquisição de escrita e, de posse das produções iniciais, afasta a noção de construção advinda da psicologia”. Frente a essas produções iniciais, a autora admite a relação entre aquisição de linguagem oral e escrita em relação aos efeitos do funcionamento da língua. Isso mostra que a criança é escrita pelo Outro e passa a refletir sobre o processo simbólico da escrita. Por isso na ordem do simbólico a escrita tem um funcionamento inconsciente, não pode ser aprendida.

Segundo Dunker (2011), a criança lê e escreve muito antes de ser alfabetizada. Para este autor, a Psicanálise estuda a noção de letra de uma maneira diferente, mas não irredutível à noção de letra proposta pela pedagogia e pela linguística. Afirma que “é uma noção de letra que existe para a criança antes mesmo dela ser capaz de falar. A escrita é primeira”. Isso mostra a primazia da escrita antes mesmo da existência do sujeito.

> *“a entrada no discurso alfabético exige, no primeiro momento, um trabalho de negação desta primeira incidência da letra. No segundo momento a letra funciona como suporte para a instalação dos processos metafóricos e metonímicos que acompanham a aquisição da fala. No terceiro momento um novo letramento, agora arbitrário e coletivo, volta a se instalar retomando os termos, mas não a mesma função do letramento primário. A entrada no discurso alfabético corresponderia assim a um letramento secundário”.*

Frente a essa afirmação, a entrada no discurso alfabético não seria apenas um processo de construção de palavras, frases, fonemas e letras, seria parte importante da constituição do sujeito. Nesta perspectiva, a constituição do sujeito é fundamental para se alcançar a escrita enquanto código gráfico e convencional.

Segundo Dunker (2011), “a letra aparece para a criança como efeito de um discurso... O discurso dos pais antecede até mesmo o nascimento da criança, e este discurso é o que estabelece o letramento primário do corpo infantil”. Com o surgimento da letra o traço é apagado, isto quer dizer que inicialmente o sujeito apresenta marcas que serão substituídas gradativamente por significantes.

Para Dunker (2011), este “letramento primário torna possível um comércio, um conjunto de trocas regulares, regulados por sentimentos, afetos e emoções”.

De Lemos (1998) diz que “as escritas iniciais da criança ganham o estatuto de escrita, porque revelam o funcionamento da língua”. Para esta autora também “os efeitos da linguagem do Outro sobre as escritas iniciais ou sobre os textos escritos das crianças são da ordem da interpretação, ou seja, não ensinam a escrita, mas colocam o sujeito dentro da língua”.

Esta breve explanação sugere um questionamento sobre o aparecimento da linguagem escrita. Esta modalidade seria anterior ou posterior à oralidade? A escrita surgiria concomitantemente à oralidade?

Vimos neste capitulo que para alguns autores a aquisição da linguagem escrita se dá após o surgimento da oralidade, já para outros, ocorreria o inverso. Por isso será necessário apresentar no capitulo 2 as contribuições que Claudia De Lemos trouxe ao campo da aquisição da linguagem para afastar a relação de dependência entre as modalidades oral e escrita e defender a de implicação estabelecendo aqui o posicionamento escolhido para este trabalho.

2. *Aquisição de linguagem como mudança de posição*

> *"... a criança é capturada pela le language, atravessada e significada pela parole do outro, matriz de sua identificação como semelhante – e membro da comunidade linguística e cultural – e como dessemelhante, referido a uma subjetividade figurada como individual". (De Lemos, 2006)*

Para estabelecer e fundamentar um diálogo entre escrita e sujeito-falante, faz-se necessário trazer algumas contribuições dos estudos sobre a aquisição de linguagem realizados por Cláudia De Lemos.

Optou-se percorrer esse caminho, porque foi a partir da aquisição da linguagem oral que se pode perguntar se a escrita está ou não aí contida e se sim, como ela se presentifica ou pode ser identificada.

Esses estudos em aquisição de linguagem sugerem um retorno à Linguística, mais especificamente a Saussure e Jakobson, que serão brevemente delineados a seguir.

Segundo Saussure (1916/2006), ao qual é reputada a fundação da Linguística, os conceitos de língua e de fala são dicotômicos e fundamentam-se na oposição social e individual, extraída da Sociologia: a língua é da esfera social e a fala é da esfera individual. Esta relação entre língua e fala é o que constitui a linguagem, por isso língua e fala para este autor "se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível, mas esta é necessária para que a língua se estabeleça".

Ainda para Saussure (1916/2006), o signo linguístico tem duas faces: significado (imagem psíquica) e significante (imagem acústica ou a memória do som na mente do falante). Ele estabelece também a existência de leis para o funcionamento da língua. Estas leis encontram-se em dois eixos perpendiculares

e simultâneos: o sintagmático, composto por combinações gramaticais e o paradigmático, composto por substituições gramaticais.

É importante lembrar que, ao definir o significante linguístico, Saussure (1916/2006) diz que, em sua essência, o significante não é de modo algum fônico, é incorpóreo, constituído, não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras.

Portanto é certo dizer que, para este autor, os elementos que compõem o sistema linguístico não se caracterizam por sua qualidade própria e positiva, mas simplesmente pelo fato de não se confundirem entre si, pois um som só existe na diferença com outro som. Isso ocorre de maneira idêntica no sistema de signos que é a escrita. Os signos de escrita são arbitrários; o valor da letra é puramente negativo e diferencial e os valores da escrita só funcionam pela oposição recíproca dentro de um sistema definido, composto de um número determinado de letras.

Entretanto, Jakobson (1995/2006) desenvolveu seus estudos em direção contrária: propôs uma articulação entre língua e fala, acontecimento que até então não marcava presença na Linguística, pois segundo ele, “a Linguística interessa-se pela linguagem em todos os seus aspectos”.

Para Jakobson (1995/2006), falar implicava "numa seleção de certas entidades linguísticas e a sua combinação em unidades linguísticas de mais alto grau de complexidade”.

Assim, segundo Jakobson (1995/2006), todo signo linguístico é determinado por dois arranjos: o da combinação e o da seleção ou substituição. E foi a partir dos estudos sobres as afasias que este autor considerou que na linguagem os termos se associam por similitude ou por contiguidade, o que o

levou a postular que o discurso é marcado por dois modos de operações: as metafóricas, que permitem as substituições significantes e as metonímicas, responsáveis pelas combinações ou deslocamentos significantes.

Segundo Pollonio (2005), “o grande mérito de Jakobson reside, portanto, em conceber que é a articulação entre esses dois eixos que permite o movimento da língua no discurso do falante”. Assim, o sentido do que é dito, segundo Jakobson, tem residência (imprevisível) na língua, em suas articulações significantes, e não nas palavras isoladas, por isso a primazia do significante sobre o significado.

2.1. Considerando a linguagem oral

Baseada principalmente nesses estudos da Linguística, De Lemos (1999, 2002, 2006) extraiu subsídios para suas pesquisas sobre a linguagem.

Nas pesquisas dessa autora (1999, 2002, 2006) é destacado o papel do outro na estruturação da criança sob a dimensão linguística e subjetiva. Dessa maneira promove-se a mudança de posição do sujeito na língua, uma vez que o outro ocupa o lugar de significar e interpretar o funcionamento da língua na criança.

De Lemos (1999, 2002, 2006) descreve o processo de aquisição de linguagem a partir de três posições vivenciadas pela criança e baseadas na relação que ela estabelece com a língua, com a fala e com o outro. Esta proposta, segundo a autora, “vai no sentido de definir a aquisição da linguagem como um processo de subjetivação configurado por mudanças de posição da criança numa estrutura...”. Para a autora, a criança é “capturada” pela linguagem, pois segundo ela há um reconhecimento do valor da fala do outro e isso provoca efeitos na fala

da criança. De acordo com esses estudos, a primeira posição da criança na estrutura da língua é marcada pela fala/interpretação do outro na fala da criança. Isso é observado por “restos” ou “vestígios metonímicos” desta fala, ou seja, parte da fala do outro é observada na fala da criança e interpretada por esse outro. Essa “captura” mostra uma dominância do outro na linguagem infantil.

Quando analisada uma sequência dialogal, De Lemos (2006) pode evidenciar esse funcionamento.

Para ilustrar essa posição, partes de um fragmento serão trazidos a seguir:

Episódio 1: (Criança entrega para mãe uma revista do tipo Veja)

(1) C.: ó nenê / o auau
(2) M.: Auau? Vamo acha o auau? Ó, a moça tá **tomando banho.**
(3) C.: **ava? eva?**
(4) M.: É. Tá **lavando** o cabelo. Acho que essa revista não tem **auau** nenhum.
(5) C.: **auau**
(6) M.: tem moça, carro, **telefone.**
(7) C.: **Alô?**
(8) M.: Alô, quem fala? É a Mariana?

(Mariana 1; 2.15)

Nesse episódio dialogal é possível evidenciar uma relação dialógica entre as falas marcada pela influência da fala/interpretação do outro na fala da criança. É nessa relação que a criança constitui-se sujeito de sua linguagem.

O fragmento (1) foi marcado por restos da fala do outro que em algum momento significou imagens em portadores de texto e, por sua vez, portadores de escrita, neste caso representado por uma revista. No fragmento seguinte (2) ocorreu a significação da fala da criança por parte da mãe que, ao ser atravessada pela escrita, interroga e remete a criança para um novo resgate de

restos da fala do outro (3) que indicam o assujeitamento à linguagem em um movimento dialógico que garantirá a constituição dessa cadeia de significantes.

Segundo De Lemos (2006), na segunda posição, a dominância passa a ser o funcionamento da língua, observado no aparecimento do “erro” e no afastamento da fala do outro. Todavia esse “erro” marca o aparecimento de um sujeito falante submetido ao funcionamento da língua. Nessa posição a criança não é capaz de escutar a diferença entre o que ela fala e o que o outro diz.

Neste outro episódio analisado por De Lemos (2006), é possível observar o afastamento na fala da criança em relação à fala do outro, resultando no “erro”.

Episódio 2: (criança contando a história do Pinóquio)

(1) R.: **ói quem segou da escola**
(2) Quem é?
(3) **é o grilo falante**
(4) o...o, como é que **sama**?
(5) Pinóquio.
(6) o...pinóquio
(7) **ó quem secou da escola**
(8) **o pi-nó-quio!** (com ênfase)
(9) óia lá
(10) Hum hum.
(11) quem segou da escola?
(12) o pi-nó-quio!
(13) Hum hum.
(14) **ó aqui. Pinóquio sega da es-co-la**
(15) como é que sama?
(16) Qual?
(17) Esse
(18) O João Pilantra
(19) **João Pilanta segou até lá**
(20) **da escola...então...**
(21) Hum
(22) **foi estevendo, escrevendo**
(23) **estevendo, estevendo**

(24) **estevendo, escrevendo**

(R. bate ritmadamente no livro enquanto fala)

(25) Foi escrevendo, e depois?

(26) Esse?

(não identifica o personagem como o mesmo da ilustração anterior)

(27) É o João Pilantra também.

(28) **Zoão Pilanta foi esquevendo**

(29) E foi (SI)

(30) Vamo, vamo virá?

(31) Onde é que eles foram?

(32) Então...

(33) foi São Paulo

(34) **e foi São Paulo**

(35) **São Paulo** (baixo)

(R. 2. 2; 20)

Neste outro episódio, a criança assujeitada pela fala do outro e já na condição de sujeito falante, surge no intervalo entre significantes que metaforicamente se substituem tanto no erro quanto nas sequências paralelísticas. Nesta posição a criança não escuta o que fala por isso o erro aparece indicando o funcionamento dessa língua como mostrado nos fragmentos (1), (4), (7) e (19).

Entretanto na terceira e última posição, já é evidenciada uma fala com pausas, reformulações, correções e substituições que marcam o movimento de deslocamento, de ressignificação e por sua vez, de assujeitamento à fala do outro. Essa posição é marcada por “acertos” da criança, pois ela escuta o outro e a si próprio, como visto neste outro fragmento analisado por De Lemos (2006):

Episódio 3: (Uma amiga (T.) da mãe da criança (V.) traçou no chão os quadros para ela e V. brincarem de amarelinha, menos um)

(1) V.: **Quase que** você não fez a amarelinha.

(2) T.: O que, Verrô?

(3) V.: **Faz tempo que** você não fez a amarelinha sua.

(4) T.: O que, Verrô? Eu não entendi.

(5) V.: **Está faltando** quadro na amarelinha sua.

(Verônica 4;0.8)

Nesse episódio observa-se a subjetivação da criança à linguagem, no que o falar a outros e reconhecer-se enquanto falante, implica na escuta da própria fala e na escuta para a fala do outro, ou como dito por De Lemos (2002) "... onde a mensagem repercute e de onde retoma uma resposta divergente, uma resposta outra".

Segundo De Lemos,

> *"de fato, uma mudança significativa no modo de a criança estar na língua (...) se dava a ver concomitantemente à produção de 'erros': **a impermeabilidade da criança à correção do erro pelo adulto**. Assim, se o 'erro', do ponto de vista lingüístico, já marcava, na fala da criança, um distanciamento da fala do outro, essa mudança também se dava a ver pelo **não reconhecimento, pela criança, da diferença entre a sua fala e a fala do outro**" (De Lemos, 2002, p. 55).*

É importante ressaltar que essas mudanças de posição estão submetidas a uma rede de significantes que dimensiona o sujeito de não falante a falante da língua. Indica, segundo Arantes (2000), "um aprisionamento à fala do outro e deve-se dizer, então, que um mesmo processo pode produzir efeitos diferentes, no caso, do patológico".

Essa significação de linguagem é dada pelo outro/Outro na e pela linguagem e isso acontece muito antes da criança começar a falar. Antes de significar a fala, o interlocutor significa gestos e traços que permeiam essa linguagem. Essa perspectiva do traço será abordada mais adiante.

Para De Lemos,

> *"... a criança enquanto corpo pulsional, como capturada pelo*

> *funcionamento da língua na qual é significada, por um outro como falante, antes mesmo de o ser. Nesse sentido, pode-se dizer que essa captura tem o efeito de colocá-la em uma estrutura em que comparece o outro como instância de interpretação e o Outro como depósito e rede de significantes. Essa estrutura é a mesma em que se move o adulto (que é também o outro da criança), enquanto sujeito falante também submetido ao Outro" (2001, p. 06).*

2.2. Considerando a linguagem escrita

De Lemos concebe oralidade e escrita, modalidades de linguagem. Afirma com isso que as práticas discursivas orais conferem sentido à escrita de forma homóloga e que a criança desempenha papel de sujeito falante/escritor de sua própria linguagem.

Segundo De Lemos (2006), "o texto escrito pode ganhar significado através da significação do texto oral, e instaurar relações e referências graças a essa relação. Essa dinâmica estabelece um processo de ressignificação que conduzirá à cadeias de textos-discursos, e não à palavras e sílabas". Cabe ao outro a interpretação, colocando a criança no movimento linguístico-discursivo da escrita por meio de atividades que a tornem ativa, como a leitura de textos, a interrogação sobre o que ela escreveu ou a leitura de algo escrito por alguém.

Para De Lemos também (2006) "no processo de aquisição da escrita, a língua está no Outro, já capturado, submetido às leis, à ordem desse funcionamento (da língua)".

Machado e Ramos (2006), para ilustrar essa colocação feita por De Lemos, acrescentam que "as mudanças, ocorrências que se dão na escrita da criança, são transformações consequentes à captura da criança como organismo, por esse funcionamento". Daí surge a afirmação de que "a criança não se apropria da língua, mas é submetida à ela".

Outras considerações serão trazidas para complementar a discussão transcorrida até então.

Seguidora dos estudos de De Lemos, Bosco (2005) defende a idéia de aquisição da escrita a partir de três posições que a criança ocuparia com relação à noção de letra, no sentido lacaniano. Seu ponto de partida é a escrita do nome próprio.

Referindo-se as essas três posições defendidas por Bosco (2005), na primeira posição ocorre uma “antecipação” do outro frente às produções escritas da criança. Essas produções são significadas pelo outro como. O adulto então faria aqui a chamada “tradução”, pois mesmo a criança tendo produzido uma escrita incapaz de ser lida convencionalmente, o adulto a reconhece e a significa.

Na manifestação gráfica a seguir, G.L. 3 anos e 5 meses, foi convidado a fazer um desenho de sua imagem refletida no espelho. No verso da folha, porém, a professora escreveu “OLHEI-ME NO ESPELHO. ESTE SOU EU” e o nome “GUILHERME LUÍS”, atitude inicialmente da professora e posteriormente solicitada ao aluno, para marcar a diferença entre o desenho e a escrita.

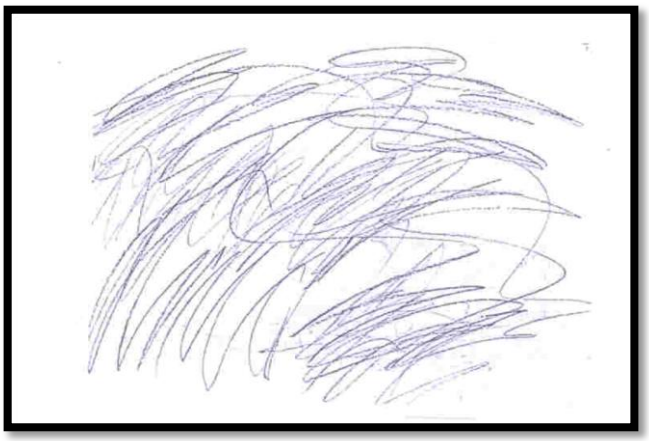

Figura 1: Desenho de G.L. retirado de “A errância da letra: o nome próprio na escrita da criança”. Tese de doutorado. Bosco, 2005. Pág. 41.

Numa outra manifestação gráfica, G.L. apresenta seu desenho de um lado da folha (figura 2) e assina do outro lado (figura 3) com as letras “E” e “L”, presentes em seu nome (indicado pelas setas). Isso deixa evidente o seu assujeitamento à escrita do Outro.

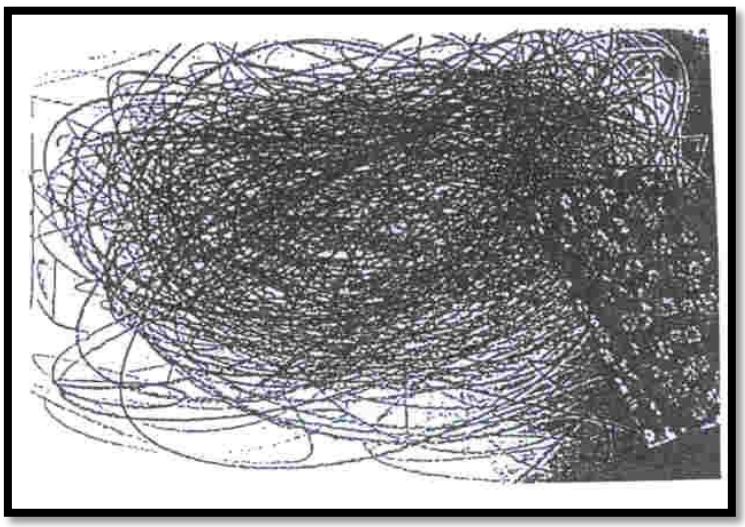

Figura 2: Desenho de G.L. retirado de “A errância da letra: o nome próprio na escrita da criança”. Tese de doutorado. Bosco, 2005. Pág. 42.

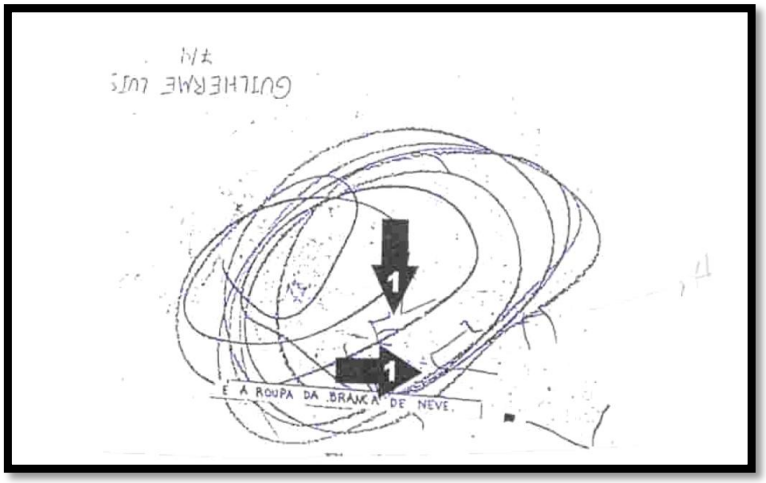

Figura 3: Escrita do nome de G.L. retirado de “A errância da letra: o nome próprio na escrita da criança”. Tese de doutorado. Bosco, 2005. Pág. 43.

Nessa posição, as escritas iniciais não pedem compreensão, mas deciframento, uma transcrição, pois segundo Bosco (2005) “não há nelas um sentido já dado a ser recuperado, mas que advém como efeito de algo que surpreende, perturba e constrange o leitor.”

A escrita da criança é marcada, nessa posição, pelas letras do seu nome para escrever as mais variadas palavras. A criança, porém, modifica a posição dessas letras para mostrar que escreveu palavras diferentes.

O fragmento a seguir mostra a escrita de uma criança escolarizada de 4 anos, no último bimestre do segundo ano do Maternal. As letras do nome dele (R-E-N-A-N) aparecem como “texto” em um trabalho escolar, mas em posição diferente da escrita do seu nome e acompanhada de desenhos que podem caracterizar outras supostas letras ou até mesmo a grafia da letra manuscrita (seta 1), usada na escrita adulta, já vista por essa criança em outras situações de escrita.

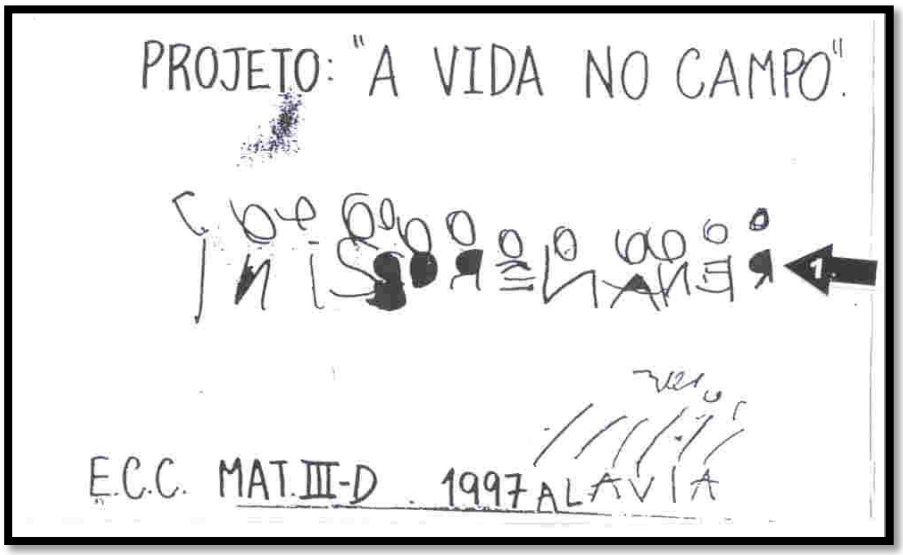

Figura 4: Texto de Renan retirado de “A errância da letra: o nome próprio na escrita da criança”. Tese de doutorado. Bosco, 2005. Pág. 79.

Essa mesma criança, ao escrever uma receita de *bolo brigadeiro*, volta a grafar as letras de seu nome de forma misturada e combinada a outras letras que certamente foram exibidas em portadores de escrita em seu ambiente escolar ou mesmo familiar. A disposição diferente das letras pode vir a produzir efeitos distintos no leitor.

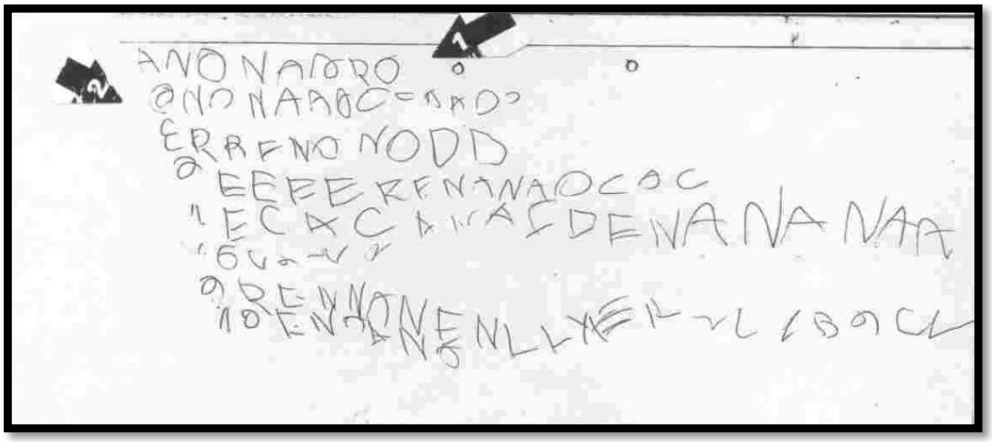

Figura 5: Escrita de receita feita por Renan e retirada de “A errância da letra: o nome próprio na escrita da criança”. Tese de doutorado. Bosco, 2005. Pág. 72.

Inicialmente não é possível fazer uma leitura convencional desta escrita. É preciso entender o aspecto linguístico-discursivo presente no ato da escrita dessa criança. Nota-se também a presença de números antes do início das frases para marcar a escrita das quantidades (seta 2), aspecto característico dos textos dessa natureza. Isso indica que esta criança teve contato com escritas parecidas antes dessa produção, ou seja, que o Outro estava presente antes mesmo dessa escrita ser realizada.

Conforme explica Bosco (2005), o título foi escrito pela criança na primeira linha (seta 1) e na sequência foi grafado “2 ovos”, “3 colheres de manteiga”, “2 xícaras de açúcar”, “1 xícara de chocolate em pó”, “1 colher de chá de baunilha”, “3 xícaras de farinha de trigo” e “1 colher de sopa de fermento em pó”, respectivamente.

Na segunda posição, Bosco (2005) defende a “disseminação das letras do nome para o texto, que coloca para a criança o problema da homografia. É a errância necessária, que já foi definida como prontidão para alfabetização”. Inicia-se então a escrita de palavras diversas que apresentam as letras do seu próprio nome. Dunker (2011) chamou isso de “uma orientação para a passagem de um meio oral-escrito para outro. Seria a chamada transcrição”. O adulto seria o “tradutor” dessa escrita inicial.

Nesse outro exemplo trazido por Bosco (2006) e extraído de Mota (1995), é apresentada uma escrita inicial em letra cursiva, de Paloma.

É possível notar uma produção mais longa que preserva as letras do nome da criança misturadas a outras letras. Nesta escrita, porém, blocos de texto são evidenciados e separados por conectivos “é” e “e”. A presença da letra maiúscula no início de cada frase também marca a relação do Outro na escrita da criança.

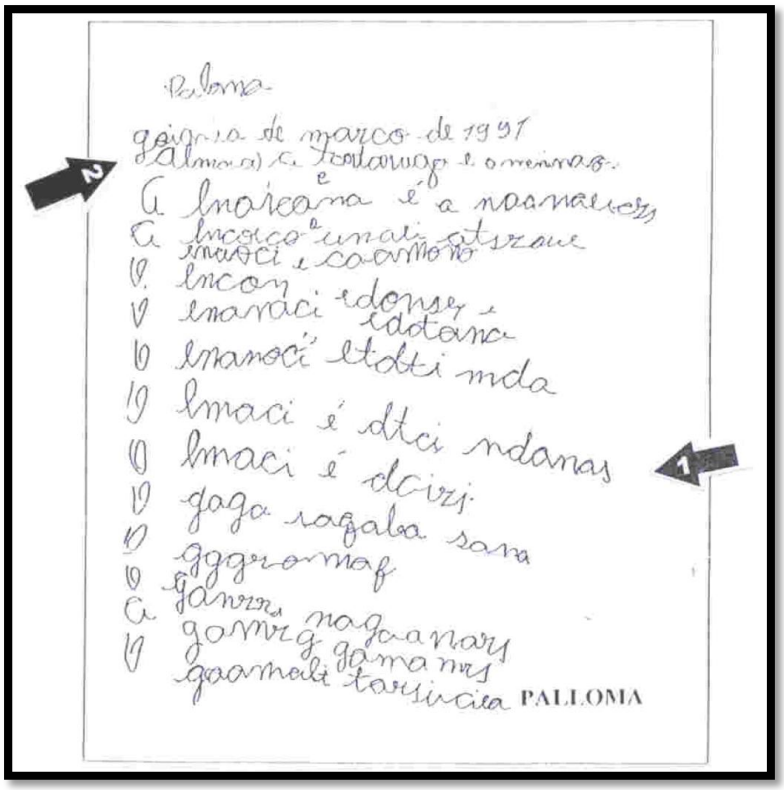

Figura 6: Texto feito por Palloma e retirado de “A errância da letra: o nome próprio na escrita da criança”. Tese de doutorado. Bosco, 2005. Pág. 147.

Na primeira frase, a criança escreve o “cabeçalho” padrão que provavelmente está presente em seu ambiente escolar todos os dias (seta 2). As letras presentes neste texto (cabeçalho) são misturadas às letras do seu nome para a composição da escrita. O exemplo disso é o uso da letra “g” da palavra “Goiânia” que aparece em vários momentos associads a outras letras.

Por fim, Bosco (2005) descreve a terceira posição como “um encontro da escrita com a oralidade”. Seria uma espécie de “encontros e desencontros do escrito infantil com a oralidade. A criança realiza um reencontro da letra. Ela recalca, soterra, nega a prática individualizada da letra, que correspondeu a seu letramento primário”.

Segundo Dunker (2011) ocorre aqui “uma passagem de um sistema da escrita (da criança) para outro sistema de escrita (do adulto). Seria a chamada transliteração”. Surge a operação de ciframento. A entrada no discurso alfabético aparece aqui como “o laço da estrutura da linguagem com o escrito”

> *“Ao identificar a criança como um sujeito que fala e que escreve, uma vez que lê os blocos que compõem o nome escrito pela criança, o outro não somente reconstitui a cadeia grafada pela criança, mas também o próprio tecido da língua de que ela é feita. Por conseguinte, abre-se a possibilidade de tecer, por antecipação, uma textualidade para o escrito produzido pela criança, tomando-o como cifra que, como tal, exige deciframento. A homografia apresenta-se como a operação que vai sustentar a disseminação das letras nas composições infantis”.*

As próximas produções evidenciam essa passagem da escrita da criança (figura 7) para a escrita do adulto (figura 8). A identificação da criança como um sujeito que fala e que escreve imerso na linguagem e a aproximação aos textos orais e escritos, proporcionam o rearranjo das letras até chegar à escrita

alfabética.

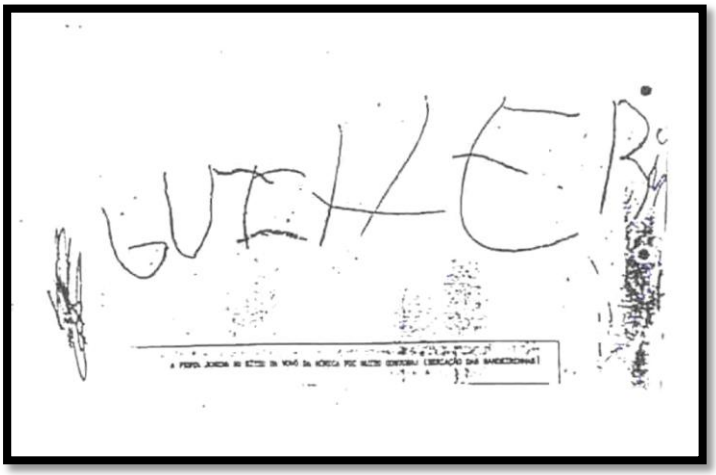

Figura 7: Escrita do nome de G.L. retirado de “A errância da letra: o nome próprio na escrita da criança”. Tese de doutorado. Bosco, 2005. Pág. 66.

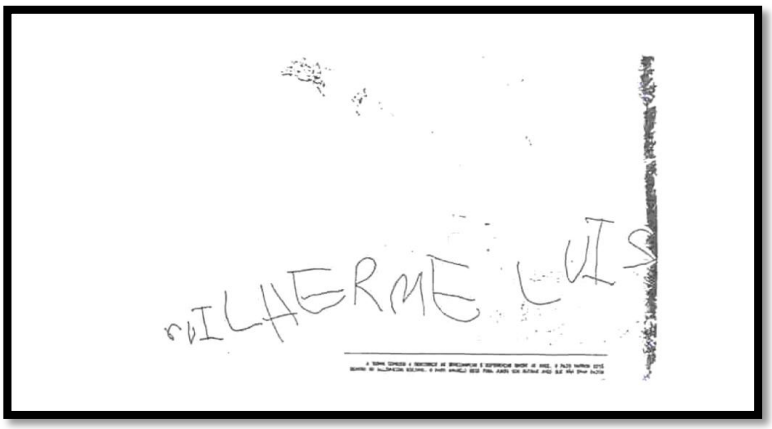

Figura 8: Escrita do nome de G.L. retirado de “A errância da letra: o nome próprio na escrita da criança”. Tese de doutorado. Bosco, 2005. Pág. 66.

Nos textos apresentados, os arranjos de letras aleatórias juntamente com as do nome da criança que o escreveu apresentam-se como elementos constitutivos de uma escrita cifrada e enigmática, uma vez que a leitura em voz alta nem sempre se mostra exatamente como o escrito. Segundo Bosco (2005) “para qualificar esses escritos como escrita de uma língua que se escreve alfabeticamente, é preciso, ainda, ir mais além”.

Por isso para dar continuidade ao nosso diálogo sobre as modalidades oral

e escrita da linguagem, faz-se necessário articular os estudos descritos até então com alguns saberes postulados pela psicanálise, mais precisamente por Freud, Lacan e Allouch. Estes autores deixaram contribuições relevantes às questões que serão aqui apresentadas no próximo capítulo sobre traço, letra e escrita fundamentais à clínica fonoaudiológica.

3. Traço, letra e escrita

> *"Falar de aquisição de escrita implica na travessia a diversos campos de saberes, na tentativa de abarcar a complexidade na qual um estudo sobre esse tema encontra-se fatalmente mergulhado" BOSCO (2005).*

No capítulo anterior foram retratadas as mudanças de posição que a criança atravessa ao ser capturada pela língua, tanto na oralidade como na escrita. Foi possível observar que antes de falar a criança é falada por outros que significam seus gestos, intenções comunicativas e lêem os rabiscos e desenhos postos por ela no papel, ações fundamentais para o assujeitamento da criança na/pela linguagem. Tais estudos conferem importante papel no campo da aquisição de linguagem e para a clínica fonoaudiológica uma vez que, a partir destes, começou-se a investigar a relação dialógica entre a fala da criança e a fala do outro. Segundo Lemos (1994) "essa hipótese realiza um avanço ao nomear – através da dependência dialógica que mostra existir entre o enunciado da criança e o do seu interlocutor adulto – a sobredeterminação, a amarração entre língua e sujeito".

Para Lier-DeVitto (2006)

> *"uma clínica de linguagem – espaço em que as falas sintomáticas levantam questões para um outro – sem que interação viesse à tona como problema e que tal necessidade imporia, acima de tudo, restrição à aproximação Fonoaudiologia à Linguística: não será qualquer teoria da Linguística que poderia dialogar com a Fonoaudiologia [...] desse modo, a pertinência de um "diálogo teórico" entre esse campo e o interacionismo. De fato a clínica é espaço instituído pela presença de um sujeito que tem uma queixa de fala (e sobre sua condição de falante) e que dirige uma demanda a um outro que é, por isso, investido da capacidade de produzir mudanças".*

Entretanto, os trabalhos apresentados tomam essas modalidades de linguagem a partir de um sujeito já falante, já capturado pelo significante. Não foi discutida, por sua vez, a suposta anterioridade da escrita que pretende-se, com este trabalho, apresentar à fonoaudiologia, pois cabe à este campo clínico desvelar a linguagem em seu “des-funcionamento”. No entanto, a introdução do outro não foi suficiente para os objetivos da Fonoaudiologia

Por isso, para responder às questões trazidas na introdução deste trabalho: “Quando a escrita entra na vida da criança?”, “Como seria o percurso do ‘não saber ao saber a escrita’?”, “O termo *aquisição* seria o mais indicado para explicar a entrada da criança na escrita?”, “O que precederia a ‘entrada da criança’ na escrita das letras?”, “A escrita enquanto modalidade simbólica não estaria na criança antes mesmo de sua alfabetização ou do chamado letramento?”, “Se sim, como isto se manifestaria em suas escritas futuras?”, foi preciso resgatar na literatura estudos do campo teórico da Psicanálise que dialogam sobre o traço, a letra e a escrita, para compreender o que acontece antes da criança iniciar suas escritas, pois como já reiterado por este trabalho, no campo fonoaudiológico a linguagem é estudada após a língua ter capturado a criança, ou seja, após ela começar a falar e a escrever, ficando assim uma lacuna anterior a essa captura. Vale ressaltar que este trabalho parte do suposto de que a criança lê e escreve muito antes de ser alfabetizada e está em busca de suporte teórico para esta hipótese.

O principal interlocutor da psicanálise no campo filosófico é Derrida, quem coloca em questão a origem da fala e da escrita. Em sua Gramatologia (1973), o autor questiona:

> *"Onde começa a escritura? Quando começa a escritura? Onde e quando o rastro, escritura em geral, raiz comum da fala e da escritura, se comprime como 'escritura' no sentido corrente? Onde e quando se passa de uma escritura a outra, da escritura em geral à escritura no sentido estrito, do rastro à grafia, depois, de um sistema gráfico a outro, e no campo de um código gráfico, de um discurso gráfico a outro?"*

Nesta passagem, Derrida propõe que se pense a origem da escrita no interior e no exterior da oralidade. Acrescenta que:

> *"É preciso agora pensar a escritura como ao mesmo tempo mais exterior à fala, não sendo sua 'imagem' ou seu 'símbolo' e mais interior à fala que já é em si mesma uma escritura. Antes mesmo de ser ligado à incisão, à gravura, ao desenho ou à letra, a um significante remetendo, em geral, a um significante por ele significado, o conceito de grafia implica, como possibilidade comum a todos os sistemas de significação, a instância do rastro instituído."*

Reiterando o questionamento proposto por Derrida (1973), o rastro aqui será tomado como ponto de partida na tentativa de entender sua suposta anterioridade à escrita. Segundo Pinto (2008), "a palavra-traço encerra alguns sentidos: falamos nela para nos referir aos riscos, ao desenho, e também no sentido de vestígio. Nessa direção, os traços são rastros de alguma coisa que ficou da experiência, um traço é mnêmico.

Fazendo uso da metáfora, Gagnebin (2006) diz que,

> *"Rastro é fruto do acaso, da negligência, às vezes da violência; deixado por um animal que corre ou por um ladrão em fuga, ele denuncia uma presença ausente - sem, no entanto, prejulgar sua legibilidade. Como quem deixa rastros não o faz com intenção de transmissão ou de significação, o decifrar dos rastros também é marcado por essa não-intencionalidade. O detetive, o arqueólogo e o psicanalista, esses primos menos distantes do que podem parecer à*

> *primeira vista, devem decifrar não só o rastro na sua singularidade concreta, mas também tentar adivinhar o processo, muitas vezes violento, de sua produção involuntária. Rigorosamente falando, rastros não são criados - como são outros signos culturais e linguísticos -, mas sim deixados ou esquecidos".*

Já para Lacan (1961-62) este se mostra como "marca primeira do surgimento do sujeito a partir do significado". Traço e significante estão inteiramente relacionados visto que o primeiro antecede o segundo e é apagado na captura do sujeito pela linguagem.

No seminário *A Identificação*[3], Lacan (1961-62) afirma que "todo significante é constituído pelo traço", ou seja, o traço apresenta-se como suporte para a constituição da linguagem antecedendo-a. Também segundo este autor, "este traço mostra-se como marca distintiva e singular, não sendo passível de tradução. O significante participa da leitura do traço, mas não coincide com ele e enuncia que os traços imprimem continguidade, rasura e apagamento", ou seja, para que o traço possa encadear-se com outro precisa perder algo de si, de seu traçado para que possa vir a se tornar significante. Um bom exemplo é o nome próprio que tem a função de marcar o sujeito como único. Segundo Rinaldi (2008), "o traço unário é significante não de uma presença, mas de uma ausência apagada que, a cada volta, a cada repetição presentifica-se como ausência".

Lacan (1961-62) nomeia o traço e a letra como "essências do significante". Para ele essa "essência" é uma espécie de marca, uma inscrição que torna presente algo que não está. O autor exemplifica:

---

[3] Lacan, J. Seminário 9: A Identificação (1961-1962)

> *[...] "esta emoção que me agarrou quando, debruçado sobre uma daquelas vitrinas, eu vi sobre uma costela fina, manifestadamente uma costela de mamífero – não sei muito bem qual, e não sei se alguém o saberá melhor que eu, gênero cabrito montês, cervídeo – uma serie de pequenos bastões: dois primeiramente, em seguida, um pequeno intervalo e, depois, cinco, logo recomeçando". (Lacan, 1961-1962)*

Estas marcas teriam sido feitas por um caçador para contar os animais abatidos. Através desses traços, era capaz de quantificar sua caçada.

Entretanto o traço marca algo de maneira única e singular, não traz consigo as particularidades do objeto que está sendo marcado. Já a letra traz as particularidades, o significante.

Lacan (1961-62) refere que "é pelo apagamento do traço que o sujeito é designado", o traço, por sua vez é anterior à entrada do significante e a condição para que ele se transforme em significante e que algo nele se apague.

Assim, a criança capturada pelo simbólico, deixa seus rastros para marcar objetos, pessoas e lugares. Esses traços são apagados pelas letras que nomeiam e tornam esses objetos, pessoas e lugares únicos, por isso a escrita aqui será definida como um sistema baseado em traços, integrante de um processo normativo que implica na entrada em um discurso, pois a criança de certa forma já sabe escrever e ler antes que os adultos alfabetizados coloquem essa questão específica da escrita como sendo alfabética.

Sobre o "nome próprio", Lacan diz:

> *[...] "se alguma coisa é um nome próprio, é porque este não é o sentido do objeto que ele traz consigo, mas algo que é da ordem de uma marca aplicada de alguma maneira ao objeto, superposto a ele, e que, por causa disso, será tanto mais estreitamente solidário com ele quanto será menos aberto, devido a ausência de sentido, a toda participação*

> *com uma dimensão por onde este objeto se ultrapassa, se comunica com os outros objetos". (Lacan 1961-1962)*

Nubile (2011) diz que "o nome próprio difere do nome comum porque, enquanto este está ligado ao sentido, o nome próprio alguma coisa que é em si mesma sem sentido agregado".

Para Lacan (1962-61), a escrita não é simplesmente uma notação da fala, mas uma marca material à espera da fonetização e "na medida em que é vocalizada, fonetizada com outros objetos, aprende e passa a funcionar como escrita". Para ele a escrita "é um traço onde se lê um efeito de linguagem". (Lacan [1970-71] 1996).

Lacan (1962-61) menciona Février (1959) ao comentar sobre escrita. Para este último "a escrita é definida como um procedimento do qual nos servimos para fixar a linguagem oral, que é volátil pela sua própria essência". Entretanto ele diz que o homem criou formas de expressões para se comunicar e dessas formas umas são momentâneas (a linguagem oral se enquadraria nessa instância) e as outras formas são duráveis, que ultrapassam o momento presente. A escrita estaria por sua vez nessa outra instância.

Como já dito anteriormente, para Lacan (1938/1998) "a escrita é um processo normativo que implica na entrada em um discurso". Discurso esse que está vinculado a certas leis de coerção que produzem efeitos de poder, de autoridade e de sanção. Estar ou não dentro de um discurso é estar condicionado a uma determinada lei, que estabelece o que deve ou não ser dito, ou seja, entrar num discurso é entrar num regime de poder.

Uma segunda característica desse discurso defendida por Lacan (1938/1998) é de que ele impõe uma ordem de necessidade, ou seja, existem

coisas que precisam ser ditas num determinado instante e outras não. Isso também pode ser chamado de “exigências lógicas da língua”. O discurso é uma particularização da linguagem que é uma estrutura universal.

E por fim, uma terceira característica do discurso segundo Lacan (1938/1998) diz se tratar de uma instância de individualização, pois todo discurso produz classes e estabelece lugares, pois o discurso é um espaço para delimitar lugares e no interior desses lugares, posições.

Dentro desse raciocínio, Allouch (2007) diz que a origem da escrita está vinculada a três pólos: linguagem, objetos e signos. “O desenho (signo) é aquilo que representa uma coisa, mas que já não é a coisa, pois, do ponto de vista figurativo, é sempre infiel ao modelo. Nesse momento, existe uma leitura de signo que revela já existir certo ler antes do escrito”. A letra aqui seria a materialização de uma linguagem já lida pela criança e como afirma Allouch (2007), “a leitura é não somente anterior, mas prévia ao escrito, sendo por algum tempo constituinte desse”.

Assim, como já dito por Lacan, se “o inconsciente é estruturado como linguagem”, significa que essa estrutura só pode ser revelada pelo escrito, pois seria a maneira de presentificar o ausente.

Segundo Lacet (2003) “as palavras de Lacan sobre a letra têm seu papel ampliado para atingir a própria instauração do inconsciente, concomitante à instalação do sistema simbólico e do significante, bem como do surgimento do sujeito propriamente dito”. Assim a escrita se insere, sobretudo, na forma de letra.

Lacet (2003) acrescenta que “o esvaziamento de sentido da letra pode ser apontado como ponto fundamental que permite tanto a passagem histórica da letra à escrita, como também a constituição do significante, do traço e do

inconsciente sob a forma de apagamento dos restos imaginários do real". Isso permite o surgimento do sujeito no registro do simbólico, como propõe Lacan.

Freud por sua vez, além de "pai" da psicanálise foi um "homem do escrito", pois utilizou em sua teoria a palavra e a escrita como instrumentos para a cura dos sintomas histéricos. Para ele a escrita é um sistema de memória, uma forma de marcar e recuperar experiências.

Freud (1913/1969) fez um delineamento para explicar processos de desenvolvimento. Para ele a origem da vida psíquica do adulto deveria ser buscada nas experiências infantis. O inconsciente longe de ser uma realidade inefável, perfaz uma escrita. Para tanto o sujeito freudiano surge nessa divisão entre consciente e inconsciente, que são aqui entendidos como registros de linguagem.

Nesse sentido é possível dizer que o inconsciente deixa uma marca (letra) que não se lê. Esta escrita explicada por Freud não possui significante, por isso, há nesse caso uma escritura, registro da linguagem, mas que não se confunde com ela.

Segundo Nubile (2011) "não é possível dispensar o fato de que a escrita supõe que o sujeito se aliene ao código, porém a sua aprendizagem ultrapassa o aspecto funcional de assimilar regras e aplicá-las". Isso mostra que não basta decodificar os códigos da escrita, mas sim interpretá-los e atribuir juízo crítico a eles. Tal passagem faz remeter ao interesse de Lacan pela escrita oriental.

Para sustentar a hipótese defendida nesse trabalho e já dita anteriormente de que a criança lê e escreve muito antes de ser alfabetizada, é preciso partir da noção psicanalítica de letra e redefinir a noção de escrita. Para Lacan (1938/1998) "a escrita é primeira e a fala vem depois", ou seja, a letra é um sinal

que existe para a criança antes mesmo dela falar.

Redefinir a noção de escrita sob a ótica psicanalítica é identificá-la não como o registro de letras gráficas sobre o papel, mas sim considerar a escrita, como um processo que implica na estrada em um discurso.

A entrada no discurso alfabético pela criança exige num primeiro momento um trabalho de negação da primeira incidência da letra para entrar na fala, adquirir a fala. A criança precisa negar esse sistema de escrita para num segundo momento a letra funcionar como uma espécie de suporte para a instalação do que é chamado de significante e assim, num terceiro momento, haver um novo letramento.

Para ilustrar a pertinência desta hipótese, Dunker (2011) traz um exemplo clínico de Bernardino que tomamos como exemplar: uma criança autista de sete anos que não fala, mas costuma desenhar e reconhecer personagens de histórias em quadrinhos como uma via de comunicação, se depara com a psicanalista apontando para esses mesmos personagens, escrevendo em um papel e falando sobre esta escrita: “são seus amigos”. A criança espanta-se e em um gesto negativo, quase diz “não”, inverte o dêixico e escreve “meus amigos”. Segundo Dunker (2011) “a partir de então ela pode falar. A escrita teria autorizado a entrada na fala. Isso permite inferir que não há precedência natural da fala sobre a escrita, e que nem sempre é preciso saber falar, para poder escrever”.

Dialogando tais conceitos com a clínica fonoaudiológica, é possível supor a presença da escrita na criança muito antes do letramento ou da alfabetização, pois os desenhos e marcas que ela deixa no papel ou suporte semelhante, indicam a presença de uma estrutura inconsciente antes mesmo de uma escrita convencional. O fonoaudiólogo conta com três modalidades de sanção para

reconhecer ou negar o uso dessa fala/escrita, que foram tomados por Castellano (2010) e extraídos de Gouvêa (2007):

> *"a sanção sobre o ato, o sujeito e a lei. A sanção sobre o ato são as operações fonoaudiológicas, que permitem, interditam, prescrevem ou facultam o uso da linguagem. A sanção sobre o sujeito implica os mecanismos de tradução - passagem de um significante para outro significante (sistema de significantes); de transcrição - passagem de um signo para outro (sistema de signos) e de transliteração - passagem de um sistema de escrita para outro (sistema de traços). Já no caso da sanção sobre a lei teríamos: a sanção da lei como assunção da língua pelo falante no funcionamento da linguagem; sanção a lei, como submissão do falante às regras de estrutura da linguagem e sanção pela lei, como ato de reconhecimento da fala, da língua e da linguagem pelo outro".*

Segundo Gouvêa (2007) "a sanção na clínica fonoaudiológica pode ser compreendida como o que determina/homologa o lugar dos sintomas de linguagem na fala da criança, do adulto, do fonoaudiólogo, além de servir de laço com as estruturas da escrita, da língua, e da fala".

Portanto, afirmar-se aqui a presença de escrita anterior à emergência da linguagem que corresponde a um sistema de traços, ou como dito por Gouvêa, Freire e Dunker (2011) "por escrita não entende-se apenas o processo comumente designado pela redação de tipos gráficos sobre o papel ou suporte assemelhado. Um sistema de escrita define-se por marcas e traços anteriores e condicionantes da emergência de significantes".

4. Método

Esse trabalho está sustentado, de um lado, por estudos do campo da aquisição de linguagem representados pela proposta de Cláudia De Lemos e, de outro, e pelas noções de traço, letra e escrita tal como entendidas pela Psicanálise e presentes, de forma particular, nos estudos de Sigmund Freud (1969, 1972, 1977), Jacques Lacan (1961-62, 1971, 1998) e Jean Allouch (2007).

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pois abrange a leitura, a análise e a articulação de estudos que abarcaram diferentes contribuições científicas sobre o tema escolhido e assim serviram como fundamentação teórica para este trabalho. Um estudo dessa natureza, segundo Luna (2007), “possibilita trabalhar com o que já foi publicado na literatura com relação ao tema proposto, e assim, investigar a evolução de um conceito, as lacunas existentes, ou mesmo quais os principais conceitos teóricos e/ou metodológicos estão envolvidos”.

O método de investigação desta dissertação é o qualitativo, fundamentado em conhecimentos advindos das clínicas Psicanalítica e Fonoaudiológica e do campo não clinico da Linguística.

Esta pesquisa não se propõe a generalizações estatísticas, mas a reflexões que possam contribuir com fonoaudiólogos em sua ação clínica, em particular durante a fase do diagnóstico, quando devem analisar as primeiras escritas das crianças que chegam com demanda para atendimento.

Chizzoti (2003) afirma que “a investigação qualitativa propõe uma relação entre o observador e o projeto de pesquisa e consequentemente uma posição não neutra do observador em relação aos fenômenos que interpreta”.

Demo (2000) acredita que “a pesquisa qualitativa permite um aprofundamento da análise”, o que é fundamental para esse tipo de estudo.

4.1. Sobre o modelo de análise dos dados

Como expresso no capítulo 3 desta dissertação, por sistema de escrita entende-se marcas e traços anteriores e condicionantes da emergência dos significantes. Gouvêa, Freire e Dunker (2011), ao apresentar sua proposta de multiestratificação dos sintomas de linguagem, afirmam que o estrato da escrita:

> *“diz respeito à primazia do traço, isto é, da lógica de inscrição da letra significante no corpo que se caracteriza na alienação à sanção da fala do outro, fazendo com que o sujeito ocupe o lugar de ser falado pelo outro. O que se apresenta são fragmentos metonímicos de um corpo que é mais falado e olhado, incluído como parte de um discurso, do que subjetivado”.*

Esses mesmos autores dizem que “a sanção de um traço como traço ocorre em intervenção como correção, rasura ou apagamento do ato de fala na medida em que se revela a emergência de um outro sistema em seu interior: o sistema de escrita”.

Para Gouvêa, Freire e Dunker (2011) “tais marcas são resíduos do encontro com o Outro e se inscrevem na corporeidade daquele que virá a ser sujeito. Ao contrário do significante que presume diferença, negação e oposição, o traço presume identidade, rasura e contiguidade”.

É pelo Outro materno, muitas vezes representado pela mãe, que a inscrição do sistema de escrita se faz, podendo ser por meio da voz, dos traços contidos na fala melódica que Lacan chamou de “lalangue”, conhecida também

por “manhês”, pelo toque com o qual a mãe manifesta seu desejo, marcando de maneiras diferentes o corpo de seu bebê, ou ainda, pelo olhar. Para Guimarães e col (2008), “o corpo, esta “primeira carne”, é então entremeado por essas escritas, tecido pelas marcas desse Outro”.

Assim a entrada da criança na escrita convencional dependerá de seu encontro com o Outro, que apagará os traços com os significantes. Guimarães e col (2008) acrescentam que “a escritura implica um corpo. Um corpo que não é o biológico, mas sim pulsional, que se constitui na relação a partir do investimento libidinal do Outro materno, ou seja, de um desejo que investe o sujeito”.

As marcas que a criança deixa no papel ou suporte assemelhado são compostas por elementos do universo dos discursos orais e escritos presentes de alguma forma em sua vida.

Segundo Borges (2006), “esses elementos que participam das estruturas combinatórias, não são meros registros de impressões perceptuais ou mesmo de processos cognitivos que operam sobre unidades da escrita”. Pode-se dizer que não se trata de uma escrita da criança, mas da criança sendo escrita pelo Outro, pelas escritas que circulam em seu universo simbólico. Constituem-se de restos (partes) de escritas vistas por ela em algum momento, ou seja, pode-se dizer que é um assujeitamento à escrita do Outro.

Ainda para essa autora “essa escrita é considerada como significantes e feixes de relações”, pois ela surge a partir das múltiplas impressões dos textos expostos e por representações já inseridas na criança, da ordem de sua cadeia de significantes. Essa escrita inicial ocupa lugar privilegiado para o funcionamento da língua e o contato com textos promove ou mesmo é determinante para a

entrada da criança nesta “aquisição” da escrita.

O processo de aquisição “não se dá como um vôo cego, mas guiado pelas possibilidades da criança de se identificar nas posições abertas pelos discursos do outro” (De Lemos, 1995).

Entretanto é importante ressaltar que a escrita da criança não começa com unidades gráficas fonetizadas, pois como já dito, os traços produzidos por ela e que não são passíveis de leitura, já indicam a influência de um universo simbólico.

Para Leite (2000), não há como separar corpo e linguagem, sujeito e sua fala/escrita, pois nessa direção, se o terapeuta olhar para o sintoma na escrita como algo observável, ele pode cair na armadilha que a suposta transparência lhe arma: fica apenas com o produto do sintoma, tira-se de cena aquele que o escreve e sua relação com a linguagem escrita.

4.2. Sujeitos da pesquisa e Coleta de dados

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, fragmentos de interação entre crianças e entre criança e adulto foram extraídos de trabalhos realizados por outros pesquisadores, nos quais foi possível rastrear a entrada da criança no discurso alfabético.

Por essa razão o presente estudo não necessitou de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.

4.3. Releitura dos dados

Os dados retirados da literatura e relidos nessa dissertação apontam para

o assujeitamento da criança à escrita do Outro. O primeiro episódio, apresentado originalmente no capítulo 2, destacou o papel do outro na estruturação da criança sob as dimensões linguística e subjetiva. Dessa maneira foi mostrada a mudança de posição do sujeito em relação à língua e à fala, uma vez que o outro ocupa o lugar de significar e interpretar o funcionamento da língua na criança.

Agora o mesmo episódio, aquele em que uma criança de 1 ano e 2 meses entrega uma revista para a mãe (página 29), será relido.

O gesto da criança de entregar uma revista para a mãe “ler”, pode ser entendido como um traço e indica que ela “sabe” que neste objeto (revista) existe algo para ser decifrado, interpretado. Ela enquanto criança é capaz de ler as imagens e reescrever o que vê através de suas brincadeiras e atitudes, inconscientemente. Esse assujeitamento à linguagem está presente muito antes de sua entrada no discurso alfabético e não necessita de intervenção adulta para acontecer. Ele “surge” antes mesmo do nascimento da criança, quando já é falada e desejada pelos pais.

Como mostrado no fragmento, quando esta mesma criança reencontra um traço que ficou de algum momento de leitura de outros portadores que tinham “nenê” ou “auau” (1), a mãe sanciona esse ato de fala transformando o traço em significante e convida a criança a procurar o “auau” (2). Nesta mesma frase, ao final, a mãe chama a atenção da criança para a imagem “de uma moça tomando banho”. A criança indica sua captura e imersão na linguagem ao emitir um significante próximo ao falado pela mãe: “ava, eva” para “lava” (3). O mesmo ocorre nos enunciados (6) e (7).

O próximo episódio, retirado de Dunker (2011, inédito), mostra a entrada da

criança no discurso alfabético e também ilustra nossa proposta de que a criança lê e escreve muito antes de estar alfabetizada.

> *"Um menino de 5 anos **manipula livros** dentro de uma sala. Ao lado da porta, próximo a um elemento vazado feito de vidro, há uma fresta pela qual **ele observa** uma menina que passa pelo corredor. A menina detém-se do lado de fora da sala, talvez **capturada pelo olhar do menino**. O menino se envergonha. Coloca um livro junto ao vidro para **deter o olhar da menina**. Mas a menina se desloca, reintroduzindo seu olhar perturbador. Ele toma outro livro e agora usando ambas as mãos constrói nova muralha visual. A menina não se dá por vencida e muda de posição, **recolocando seu olhar**. O peso dos livros é demasiado e eles caem no chão produzindo um grande estrondo. Há um instante de dúvida e estranhamento. **O olhar das duas crianças busca um adulto**, talvez um professor, presente na sala. **Recebem então uma mensagem indeterminada**: nem uma bronca, nem uma aprovação, apenas a marcação temporal que registra o acontecimento. Talvez tenha sido um **sorriso de anuência**. Mas um sorriso contido, contrabalançado pelo **franzir reprovador da testa**. Os lábios diziam uma coisa, as sobrancelhas outra. Empate. **Como ler a ironia gestual: Que isso não se repita? Vá até este ponto, mas não continue?** Estou eu mesmo na dúvida sobre o que aconteceu (pensa o adulto), mas agora vou prestar mais atenção? Vocês são dois "arteiros" que eu aprovo, pois estão explorando o mundo e investigando um ao outro, como deve ser e como talvez eu mesmo tenha sido algum dia?*

Neste episódio é possível notar sujeitos da escrita, ou seja, crianças que lêem e escrevem sob o efeito de um sistema de traços e de acumulações de saberes sobre a letra (em negrito). Para Dunker (2011, inédito) "este sujeito é universal, e está presente mesmo nos povos chamados 'sem escrita'. Este menino de cinco anos, ainda não é senhor do discurso alfabético, mas ele já lê". Isso mostra que para se ler e escrever não é necessário grafar letras num papel, mas sim interpretar marcas e traços trazidos pela linguagem e que se mostram anteriores a essa alfabetização.

Os gestos e olhares das crianças, constituídos por traços, mostram um ciframento de letras, uma captura pelo simbólico que antecede a entrada no discurso alfabético.

Outro recorte será relido para novamente ilustrar a presença do sistema de escrita falado nesse trabalho de forma que o assujeitamento à linguagem possa ser percebido. Em Dauden (1992), foram coletadas filmagens de uma criança entre seus dois e três anos de idade, de situações em que esta “brincava” com livros, e que foram analisadas pela autora dentro de uma visão sócio-construtivista de aquisição de linguagem.

Em uma das gravações, mãe (M) e criança (H), sentadas no chão com o livro “A galinha ruiva” no colo de H, viravam as páginas do final para o começo, pois o livro estava de cabeça para baixo:

(1) M.: **Quê que tem aí?**
(2) H.: **Au au!**
(3) M.: **Tem au au?**
(4) H.: O au au. Poqui ele mode au au.
(5) M.: Morde? Quem que o au au vai mordê?
(6) H.: O au au.
(7) M.: Cadê o au au?
(8) H.: **Au au vai modê.**
(9) M.: Ah, é?
(10) H.: É. **(tira e põe o dedo na figura do cachorro como se ele estivesse mordendo)**

(Helena 2; 01. 17)

Este fragmento ressalta a presença do Outro, pois a criança sabe que encontrará imagens dentro do livro (2) quando questionada pela mãe em (1). Ao sancionar a fala da criança (3), a mãe dá continuidade ao discurso, colocando esta fala em uma cadeia de significantes.

No mesmo fragmento, é possível observar novamente restos da presença do Outro na antecipação que a criança faz dos efeitos de sua fala sobre sua mãe e que são materializados nos movimentos de seus dedos como resposta ao enunciado em (9).

Portanto, Dunker (2011, inédito) afirma que “a alfabetização é um processo de conformação deste sujeito da escrita a um código específico e particular da língua cifrada em letras”, ou seja, a alfabetização não se resume aprender o código gráfico da escrita, mas em, primeiramente, negar a primeira instância de letra para adentrar no discurso alfabético.

4.4. Discussão

A releitura dos dados extraídos da literatura consultada evidenciou a emergência de traços anteriores à combinatória de letras que, embora não constituam palavras propriamente ditas, indicam o assujeitamento da criança ao Outro, à sua captura pela linguagem.

Todavia as primeiras escritas da criança ocupam lugar determinante no funcionamento da língua e o contato com o universo dos discursos orais e escritos desencadeia ou determina a entrada da criança nas “letras”. Propõe-se que o fonoaudiólogo interprete as marcas postas no papel, para além de rabiscos, como marcas indiciárias de um processo singular de aquisição dessa modalidade de linguagem. Essa interpretação não pode ignorar a relação entre os sujeitos envolvidos, aqui representados pela criança e o outro. Este fonoaudiólogo deve se atentar à escuta do sintoma, pois segundo De Lemos (1992) “os sujeitos não escapam à relação com a língua e o intérprete comparece como instância da

língua constituída”.

Gouvêa, Freire e Dunker (2011) afirmam que “traduzir, transcrever e transliterar são formas de validar ou reconhecer um ato de fala ou uma produção discursiva que tomam em consideração, de maneira distinta, a função de autoria, o efeito de sujeito ou a posição de enunciação”, por isso o fonoaudiólogo deve fazer uso dessas formas de reconhecimento e sanção para manejar seus atendimentos.

Além disso, é válido ressaltar que, segundo Araujo (2006), “é preciso que um compromisso particular com a fala e com uma teorização sobre a linguagem seja claramente assumido”.

Assim, afasta-se da cena a negação de um saber e restitui-se o centro do palco à criança que, tal como um escriba, aliena-se ao traço do outro para tomar a posição de leitor/escritor.

Desta forma, a clínica fonoaudiológica caminha em direção à subjetividade estabelecendo assim uma relação sujeito-língua-escrita, possibilitando ao terapeuta ver além do que está escrito, ao interpretar algo de outra ordem que um sintoma na escrita para dialetizar as posições do fonoaudiólogo e do sujeito que produz a escrita, pois como afirma Lacan (1998),

> *“Freud descobriu no homem o peso e o eixo de uma subjetividade que ultrapassa a organização individual como soma de experiências individuais, e até mesmo como linha de desenvolvimento individual. Dou-lhe uma definição de subjetividade ao formulá-la como sistema de símbolos que almeja cobrir a totalidade de uma experiência, animá-la, dar-lhe sentido”.*

A presença desse sistema de traços mostra que a escrita, enquanto modalidade simbólica, “entra na vida da criança” muito antes da escolarização, que todo e qualquer registro deixado pela criança indica que o seu percurso do ‘não saber ao saber a escrita’ é conduzido pelo Outro *e* assujeitado pela captura da linguagem. É possível dizer também que o termo *aquisição* não é o mais indicado para nomear a entrada da criança na escrita, pois ela é capturada pela mesma.

Conclusão

Este estudo, de natureza qualitativa, propôs-se a esclarecer o momento da entrada da escrita na vida da criança; como seria esse percurso e o que o precederia. Partiu-se da suspeita de que a escrita, enquanto modalidade simbólica, estaria presente na criança antes mesmo de sua alfabetização ou do chamado letramento e que essa presença poderia ser evidenciada em suas escritas futuras.

Ao responder as questões declaradas acima pode-se, ao final, apresentar uma proposta de modelo de aquisição da escrita que trouxe à tona a aquisição sob uma outra ótica: a de que a escrita emerge antes do encontro formal entre a criança e as letras. Apresentou-se para a fonoaudiologia um sistema de escrita que é entendido por marcas e traços anteriores e condicionantes da emergência dos significantes que indicam a entrada da criança no discurso alfabético.

Foi mostrado que a escrita entra na vida da criança muito antes do seu nascimento, por isso, a escrita enquanto modalidade simbólica está no sujeito antes mesmo de sua alfabetização ou do chamado letramento, isso acontece porque os falantes são capturados pela linguagem, estão submetidos à escrita do Outro. Isso se manifesta desde suas primeiras escritas através de marcas e traços que a criança deixa no papel e até mesmo no corpo do outro que são compostos por elementos do universo dos discursos orais e escritos que ela vivencia.

Essa constatação foi realizada por meio de uma revisão bibliográfica de

estudos linguísticos e psicanalíticos escolhidos por seu potencial de contribuição ao tema da pesquisa e que foram suporte para a releitura dos recortes discursivos nos quais o assujeitamento da criança à escrita se mostrou evidente; sua entrada no mundo da criança se dá muito antes do surgimento de sua fala, antes mesmo de sua existência, e pode ser vislumbrada na análise, pelos traços, marcas, sinais, que se deram a ver no corpo, e que são anteriores ao aparecimento dos significantes.

O intuito desta pesquisa foi contribuir para a instrumentalização de fonoaudiólogos que, na clínica, se deparam com perguntas semelhantes às apresentadas no início deste trabalho.

Embora ainda haja muito a ser dito sobre esse período anterior ao traçados das letras no papel, o seu reconhecimento e primeira formalização abrem caminho para que outras pesquisas sobre o tema possam aprofundá-lo e detalhá-lo com maior precisão teórica e metodológica.

Referências Bibliográficas

ABAURRE, M. B. M. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? Anais do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos. 1987.

ALLOUCH, J. A clínica do escrito. Rio de Janeiro. Cia de Freud. 2007.

ARANTES, L. M. G. As Múltiplas Faces da Especularidade. In: 5º Encontro Nacional e 1º Encontro Internacional Sobre Aquisição de Linguagem. Porto Alegre. Letras de Hoje. EDIPUCRS. 2000.

BORGES, C. L. C. A Criança e suas Reescrita Escolares: As Estruturas com Determinantes. Tese de Doutorado. IEL. UNICAMP. 2007.

BORGES, S. A aquisição da escrita como um processo linguístico. In: LIER-DEVITO, M. F.; ARANTES, L. Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem. São Paulo. EDUC, FAPESP. 2006.

BOSCO, Z. R. A Errância da Letra: O Nome Próprio na Escrita da Criança. Tese de Doutorado. IEL. Unicamp. 2005.

BUENO, M. L. P. B. Oralidade e escrita: uma relação de complementaridade. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. 2003.

CASTELLANO, G. B. Adolescentes com paralisia cerebral: estudo de casos clínicos. Dissertação de mestrado. PUC-SP. 2010.

CARVALHO, J. D. Entre a imagem e a escrita: um diálogo da psicanálise com a educação. São Paulo. Annablume; Belo Horizonte. FUMEC. 2005.

CHIZZOTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo. Cortez. 2003.

DAUDEN, A. T. B. C. A criança e o outro na construção da linguagem escrita. Dissertação de mestrado. UNICAMP. 1992.

DE LEMOS, C. T. G. Língua e discurso na aquisição da linguagem. Letras de Hoje, v.30, n. 4. Porto Alegre, EDIPUCRS. 1995.

_____ Processos Metafóricos e Metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativos na aquisição da língua materna. Trabalho apresentado na The Trento Lectures Workshop on Metaphor and Analogy, organizada pelo Instituto per la Ricerca Scientifica e Tecnologica Italiano em Povo. 1998.

_____ A criança como ponto de interrogação. In: LAMPRECHT, R. (org.). Aquisição de linguagem: questões e análises. Porto Alegre. EDIPUCRS. 1999.

_____ Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. Caderno de estudos lingüísticos. Campinas. (42): 41-69, jan/jun. 2002.

_____ Sobre o paralelismo, sua extensão e a disparidade de seus efeitos. In: LIER-DEVITO, M. F.; ARANTES, L. Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem. São Paulo. EDUC, FAPESP. 2006.

DEMO, P. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo. Atlas. 2000.

DERRIDA, J. Gramatologia. São Paulo. Perspectiva. 1973.

DUNKER, C. I. L. Estrutura e constituição da clínica psicanalítica. São Paulo. Anna Blume. 2011.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. Psicogênese da Lingua Escrita. Porto Alegre. Artmed. 1979/1999.

FREIRE, R. M. A Fundação da Clínica Fonoaudiológica. Trabalho apresentado no Congresso da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. 2002.

FREUD, S. O interesse da psicanálise pela criança não psicológica. In: Obras completas. Vol. XIII. Rio de Janeiro. Imago. 1969.

_____ A interpretação dos sonhos. In: Obras completas. Vol. IV e V. Rio de Janeiro. Imago. 1973.

_____ A pulsão e suas vicissitudes. In: Obras completas. Vo. XIV. Rio de Janeiro. Imago. 1974.

_____ Carta 52. In: Obras completas. Vol. I. Rio de Janeiro. Imago. 1977.

GAGNEBIN, J. M. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo. Editora 34. 2006.

GARTON, A.; PRATT, C. Learning to be literate: the development of spoken and written language. New York. Basil Blackwell. 1989.

GOUVÊA, G. Por uma multiestratificação estrutural dos sintomas de linguagem. Dissertação de mestrado. PUC-SP. 2007.

GOUVÊA, G.; FREIRE, R.; DUNKER, C. Sanção em fonoaudiologia: um modelo de organização dos sintomas de linguagem. São Paulo. Caderno de Estudos Linguísticos. nº1, vol 53. Campinas. Jan./Jun. 2011.

GUIMARÃES, B. F. e col. Projeto de trabalho: escrita e psicanálise. Universidade Federal de Santa Catarina - Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Núcleo de Estudos em Psicanálise. 2008.

JAKOBSON, R. Linguística e Comunicação. São Paulo. Cultrix. 1995/2006.

KUPFER, M. C. M. A escrita na clínica psicanalítica de crianças. Anais do III Colóquio do LEPSI - Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância – USP. São Paulo. 2002.

LACAN, J. Seminário 9 – A identificação. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1961-62.

_____ Seminário 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1964/1998.

_____ Seminário 18 – De um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1970-71/1996.

_____ A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1978/1998.

_____ Escritos. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1988.

LACET, C. Considerações sobre a letra e a escrita na clínica psicanalítica. São Paulo. Estilos da Clínica. Vol. VIII, nº 14, 50-59. 2003.

LEITE, L. Sobre o efeito sintomático e as produções escritas de crianças. Dissertação de mestrado. São Paulo. PUC-SP. 2000.

LEMOS, M. T. G. A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição de linguagem. Tese de doutorado. UNICAMP. 1993.

LIER-DEVITTO, M. F. Patologias da linguagem: sobre as vicissitudes de falas sintomáticas. In: In: LIER-DEVITO, M. F.; ARANTES, L. Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem. São Paulo. EDUC, FAPESP. 2006.

LUNA S. V. Planejamento de pesquisa: uma introdução; elementos para uma análise metodológica. São Paulo. Educ. 2007.

MAYRINK-SABINSON. M. L. T. Análise de um evento singular de interação mãe criança na constituição de um sentido para a escrita. Organon- UFRGS. Faculdade de Filosofia. vol. 11. nº. 25. 1997.

MOREIRA, C. M. Uma revisão dos níveis de aquisição da escrita à luz da linguística aplicada. Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil. Campinas. UNICAMP. 2007.

MOTA, S. R. V. A gramatologia, uma ruptura nos estudos sobre a escrita. Delta. Vol 13. nº 2. São Paulo. 1997.

NAVAS, A. L. G. P.; SANTOS, M. T. M. Distúrbios de leitura e escrita: teoria e prática. São Paulo. Editora Manole. 2002.

NUBILE, M. V. F. C. Uma viagem ao território das letras: Ressonâncias do feminino na escrita numa perspectiva psicanalista. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2011.

PINTO, M. C. A estética do resto. Trabalho apresentado no I Simpósio Latino-Americano de Psicanálise. Comunidade e Cultura. A psicanálise nas tramas da cidade, na SBPSP, abril de 2008.

POLLONIO, C. F. O Brincar e a Clínica Fonoaudiológica. Dissertação de Mestrado. São Paulo. PUC-SP. 2005.

POMMIER, G. Nacimiento y renacimiento de la escritura. Buenos Aires: Nueva Visión, pp. 7-15. 1993.

_____ É possível falar de um desejo “primitivo” de escrever? Estilos da Clínica. 13(24):14-23. 2008.

RINALDI, D. O traço como marca do sujeito. Salvador. Estudos de Psicanálise. nº. 31. p. 59 – 63. 2008.

REGO, C. M. Traço, letra e escrita na / da psicanálise. Tese de doutorado. Rio de Janeiro. PUC-RJ. 2005.

ROJO, R. H. R. Falando ao pé da letra – a constituição da narrativa e do letramento. São Paulo. Parábola editorial. 2010.

SAUSSURE, F. Curso de Linguística Geral. São Paulo. Cultrix. 1916/2006.

SKINNER, B. F. Verbal Behavior. New York: Appleton-Century-Crofts. 1957.

SMOLKA, A. L. B. A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo. In: Coleção passando a limpo. Ana Maria Bustamante Smolka - 6ª ed. São Paulo. Editora Cortez. 1993.

VYGOTSKY, L. S. Mind in society. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1978.

ZORZI, J. Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita – questões clínicas e educacionais. Porto Alegre. Artmed. 2003.